

ID: 123981902

14-07-2026

## DEANS' CORNER

Os grandes temas da atualidade nacional e internacional e as tendências da gestão analisadas pelos diretores das principais Escolas de Negócios portuguesas. Escrevem Filipe Santos, João Duque, José Pinto, José Crespo de Carvalho, José Esteves, Maria de Fátima Carinca e Pedro Oliveira.



**JOSÉ CRESPO DE CARVALHO**  
Dean of ISCTE Executive Education

# Avaliação de estudantes na era da Inteligência Artificial

**A** Inteligência Artificial não chegou somente para mudar a forma como se ensina e aprende. Veio, sobretudo, pôr a descoberto a fragilidade de muitas formas como ainda avaliamos no ensino superior e na formação de executivos do ensino superior.

Durante muito tempo confundimos avaliação com reprodução. Perguntas previsíveis, respostas formatadas, exames por recurso à memória, trabalhos escritos como se fossem prova clara e inequívoca

de uma determinada autoria, apresentações onde o brilhantismo da forma esbate, muitas vezes, a pobreza do pensamento crítico e da criatividade. A IA não destruiu este modelo. Pelo menos totalmente. Mas veio mostrar que, o modelo começa a apresentar sinais claros e inequívocos de declínio bastante claros.

Hoje, qualquer estudante/participante pode produzir um texto correto, estruturado, fluente e, aparentemente, sublimado aparentemente, inteligente. E em poucos segundos/minutos. Pode resumir artigos, comparar teorias, gerar bibliografia, simular argumentos, construir apresentações, programar, traduzir, corrigir e melhorar. Fingir que isto não existe é apenas tornarmo-nos infantis. Proibir é apenas e só inútil. Avaliar como antes tornou-se, e isso preocupa-me muito, absolutamente irresponsável.

O tema não é saber se o estudante/participante usou IA. Isso parece-me que deve estar fora de causa. A questão é saber se pensou. Se interrogou. Se validou. Se acrescentou. Se foi capaz de distinguir o óbvio do relevante, o verdadeiro do plausível, o fashion do rigoroso. O novo centro da avaliação tem de ser este: pensamento crítico, julgamento, autoria intelectual e capacidade de decisão.

No ensino superior, avaliar em tempo de IA exige menos perguntas de manual e mais problemas reais. Menos "explique o conceito" e mais "decida perante este contexto". Menos trabalhos genéricos e mais produção com defesa oral, iteração, evidência, 'tracking' do raciocínio e confronto. O estudante pode usar IA? Deve. Mas tem de mostrar o que fez com ela, onde discordou dela, como verificou, que fontes usou, que escolhas assumiu e que responsabilidade aceita pelo resultado final.

A avaliação deve passar a combinar várias camadas: provas pre-



Sérgio Lemos

senciais curtas, discussão oral, portefólios de aprendizagem, análise de casos reais, resolução de problemas em contexto, reflexão individual e trabalho em equipa. Não para complicar. Para aproximar a escola do mundo real. Porque no mundo real, em boa verdade, ninguém é avaliado por decorar uma página. Somos avaliados por decidir melhor, comunicar melhor, errar menos, aprender de pressa e criar valor.

Os docentes têm mesmo de mudar. A IA obriga-nos a desenhar melhores perguntas. A construir avaliações menos copiáveis e mais inteligentes. A acompanhar processos e não apenas a corrigir produtos finais. A perceber que a integridade académica não se garante com policiamento, mas com cultura, exigência e desenho pedagógico.

Há aqui uma oportunidade fantástica. Podemos finalmente abandonar a avaliação burocrática,

**A IA não torna a avaliação impossível. Torna impossível é continuar a avaliar mal.**

ca, ritualista e defensiva. E, seguramente, devemos avaliar competências que sempre dissemos valorizar, mas raramente medimos bem: pensamento crítico, criatividade, ética, literacia digital, capacidade de síntese, argumentação, colaboração e tomada de decisão.

A IA não torna a avaliação impossível. Torna impossível é continuar a avaliar mal.

O ensino superior que perceber isto sairá mais forte. O que se limitar a perseguir estudantes, bloquear ferramentas e proteger exames antigos ficará preso a uma nostalgia a que eu chamaria inútil. O futuro não pede menos exigência. Nada disso. Pede mais. Mas pede muito uma exigência diferente: menos centrada na resposta pronta e mais centrada na inteligência humana que sabe perguntar, escolher, duvidar e responder pelo que faz.

É aí que a universidade pode continuar a ser insubstituível. ■